

Editorial

Ao longo da história os indivíduos têm se agenciado e expressado visualmente de diferentes maneiras e a moda faz parte desse processo. Observando a vestimenta ao longo dos tempos percebemos a importância de seu papel na sociedade, pois através dela colocamos em discussão gostos, classes sociais, desigualdades, gênero, arte, expressões de identidade, saberes e fazeres da história. O dossiê História e Moda: as múltiplas faces do vestir se propôs a reunir estudos sobre as várias possibilidades da moda se fazer agente da história, nos quais essa vedete fosse examinada como objeto, como documento e meio de identidades, subjetividades, valores e sentidos. Ao ultrapassar as questões de sua materialidade, se permite a discussão da aparência e da visualidade corporal como testemunhos e atores sociais importantes de usos, modos e hábitos, portanto, de estilos de vida de uma época e de uma sociedade.

A moda é um dos mais importantes dispositivos para se entender uma época, em seu amplo espectro cultural: ela sinaliza o tempo em que vivemos. Muito mais ampla que a uma simples referência à roupa, a moda está presente em toda parte: na música, na arquitetura, no design, nas artes plásticas e visuais, na decoração, nas tendências literárias, na tecnologia, nos vários espaços em que circulamos.

Diferenciando-se do passado, momento histórico no qual a moda impunha normas e valores de distinção, regulando o universo social e dividindo-o. Hoje, a moda aponta possibilidades, deixando de ser um elemento que restringe comportamentos. Mais democrática, a moda atende aos inúmeros desejos da nossa sociedade multifacetada. No século XXI há a possibilidade de escolha e liberdade individual na criação e no uso vestimentar. Pode-se criar o que se deseja vestir. A moda da contemporaneidade se apresenta como canal de expressão de individualidades, deixando de ser apenas um demarcador social.

Este dossiê apresenta um conjunto rico de trabalhos desenvolvidos por diferentes autores, provindos de diversas Universidades e, inclusive, da Universidade de Veneza (IT) com a contribuição de Alessandra Vaccari que nos fala sobre as relações entre biografia de grandes estilistas e a construção cultural dos significados no mundo da moda. Seu trabalho discute de maneira inovadora o papel histórico e contemporâneo das explanações dos designers no campo da moda. Levando-se em consideração as publicações de estilistas de moda do século XX e XXI, seu texto explora relatos

autobiográficos de designers de moda sobre sua entrada no mundo da moda, com especial atenção a sua educação e aos períodos como aprendiz.

Numa aproximação com as discussões de Vaccari, Maria Claudia Bonadio e André da Costa Ramos Garcia permitem que conhecemos melhor o universo do Museu de Arte da FAAP (Fundação Armando Alvares Penteado) por meio da entrevista realizada com Maria Izabel Branco Ribeiro – Diretora do Museu que nos relata os processos de curadoria e exposição de temas relativos à moda.

Juntando-se nessa discussão sobre moda e sociedade Renato Riffel com Graziela Morelli discutem como um vestido de Miss dos anos 60, produzido por um conhecido costureiro catarinense – Galdino Lenzi - pode ser ponte de reflexão sobre a sociedade daquela época e os seus valores de distinção, além de mapear os conhecimentos técnicos do referido criador.

Dentro ainda do mundo midiaticizado da Moda, Daniela Novelli faz uma relevante contribuição ao analisar os discursos subliminar sobre a branquidade, difundidos pela Vogue, em suas diferentes edições. Questões teórico-metodológicas inseridas notavelmente nos campos dos estudos culturais, de gênero e pós-coloniais são articuladas por meio de uma análise qualitativa de dois editoriais de moda, publicados nos anos de 2007 e 2008 e apontaram para o “autoexotismo” da natureza e de nossa cultura popular – marcado simbolicamente pela primazia do corpo [branco] feminino, considerando-se ainda a legitimação de vozes produtoras de discursos de competência e renovação constante, bem como o cruzamento da violência simbólica racial com outras formas de dominação (de classe e de gênero/sexual).

Completando o dossiê Vera Fellipe, Evelise Anicet Rüttschilling e Joana Bosak Figueiredo tocam num assunto muito interessante: a resistência e transformações ocorridas na produção das rendas artesanais no presente.

Na seção Variata como não poderia ser diferente, vários artigos se somam enriquecendo as discussões abertas pelos textos trazidos no dossiê. Iniciando-a encontramos um texto de Carolina Morgado Pereira que analisa as relações entre o traje, a cultura, a arte e a moda no vestuário, buscando identificar as características estilísticas, os elementos visuais e o discurso que acompanha cada um desses elementos. A pretensão ainda se completa com o relato da produção acadêmica desenvolvida no Brasil sobre esta temática. Ao final, o leitor atento concluirá pela multidisciplinaridade e interdisciplinaridade como o meio mais apropriado para o estudo de um objeto complexo, como o vestuário.

Dando continuidade, Letícia Formoso Assunção e Alexandre Vergínio Assunção trazem à baila um assunto bem atual: A “moda vintage” discutida a partir do conceito cronotópico de Mikhail Bakhtin revista por Anthony Wall, com o propósito de analisar as razões pelas quais o sujeito pós-moderno retoma o passado através da reutilização de vestes originais.

Dois outros autores formularam o terceiro capítulo da seção Variata. São eles Rosângela Barbosa Silva e Alexandre Schirmer Kieling. Eles discutem o poder da comunicação digital da moda de uma marca de vestuário feminino por meio das redes sociais. O case serve, então, de pano de fundo para discussão das estratégias de marketing que hoje utilizam de mídias gratuitas e de ampla disseminação.

Após tantas discussões interessantes no campo social da moda, o quarto artigo volta-se para as questões mais técnicas, discutindo a MOULAGE como metodologia de trabalho de modelagem apta à criação em moda. Francys Peruzzi Saleh teve como objetivo abordar a importância desta ferramenta no processo criativo e a geração de novos conceitos e formas a partir deste método. Os resultados descritos foram obtidos através do estudo empírico, com análise bibliográfica e exercício de experimentação.

Para fechar o número 16 da Revista Modapalavra E-periódico, ainda o leitor conta com dois artigos: “Inovação aberta como possibilidade de diversificação de agentes de cooperação junto aos processos de inovação na indústria do vestuário”, produzido por Andréia Mesacasa, Aloísio Leoni Schmid e Virginia Borges Kistmann. Os autores apresentam um modelo de inovação aberta, com a descrição de suas práticas e relacionando-as ao processo de inovação em indústrias do vestuário, o que possibilita a constituição de parcerias com diversas instituições, aumentando os índices de competitividade e diminuindo os riscos promovidos por altos investimentos.

As colegas da Universidade de Novo Hamburgo, FEEVALE fecham o número mostrando alguns aplicativos para dispositivos móveis que podem apoiar o desenvolvimento de uma coleção de moda. Ferramenta atual e ágil que ajudará muitos profissionais do setor a incrementar seus modos de fazer moda.

Assim, cada um à sua maneira, faz contribuições ao pensar brasileiro sobre a moda e possibilita que as práticas produtivas, criativas e de difusão aliadas à Moda sejam aperfeiçoadas.

Enfim, o número 16 da Revista Modapalavra apresenta reflexões que nos permitem um debate sobre a historicidade da moda e seus objetos a partir de um olhar

ModaPalavra E-periódico

diverso e enriquecedor, que a partir das leituras de cada um de nós se multiplicará e fará, ainda mais, amadurecer o mundo acadêmico em torno da moda.

Votos de boa leitura,

Prof. Claudia de Oliveira (UFRJ) e Prof. Mara Rúbia Sant'Anna-Muller (UDESC)